Coimbra

JORNAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE

ANO II — 27 DE MAIO DE 1935 — N.º 15

PREÇO 1 ESCUDO

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade de
Jorge de Morais e António Cruz (editor)
Administrador: **JOAQUIM DUARTE DE OLIVEIRA**

Composto e Impresso na
Casa Minerva — Coimbra

Duas quadras

de Coimbra

Oh Coimbra do Mondego
e dos amores que lá tive!
Quem te não viu... anda cego;
Quem te não ama... nem vive!

Do Choupal até à Lapa
foi Coimbra os meus amores:
—A sombra da minha capa
deu no chão, abriu em flores.

ANTONIO DE SOUSA

(Cantados por
Edmundo Bettencourt)

LABORATORIO
"COIMBRA"

ANÁLISES CLÍNICAS

PRODUTOS ESTERILISADOS

VACINAS

VACINA ANTI-RABICA PARA CANIDEOS

Rua Ferreira Borges, 145

COIMBRA

TELEFONE N.º 263

LOJA DAS MEIAS

J. Lopes de Carvalho

Luvas — Artigos de Malha — Camisaria
— Gravataria —

O melhor sortido
aos mais baixos preços

102, Rua Ferreira Borges, 106

COIMBRA

Telefone n.º 1078

Camisaria Vilaça

E' a casa que apresenta o mais incomparavel sortido e que vende mais barato.

Sedas, Veludos, Etamines, Luvas,
Novidades, Perfumarias, Malhas
Gravataria, Carteiras, Miudezas

Artigos para bordar

Camisas, muitas Camisas!

JOÃO VILAÇA

Rua Ferreira Borges, n.ºs 81 a 85
Telefone n.º 375 — **COIMBRA**

Novidade Musical

E' hoje posto á venda o tango

Um Beijo...

Musica
de
M. Serrano Baptista

Letra
de
Assis Pacheco

Edições Medina

Preço 5 Escudos

Salão Beethowen

Praça 8 de Maio, 18, 1.º

COIMBRA

UMA INICIATIVA DO "COIMBRA,,

Foi descerrada, no dia 9 de Abril, uma lápide colocada no edifício da Associação Académica, que perpetuará o esfôrço : : : dos estudantes mortos na Grande Guerra : : :

Finalmente! A iniciativa do «Coimbra», sugerida e acompanhada de perto, até a sua complecta efectivação, pelo nosso querido amigo sr. dr. Fernandes Martins, foi coroada de pleno êxito no dia 9 de Abril.

Colocada na frontaria da Associação Académica, uma artística lápide de mármore, executada pelo hábil canteiro de Coimbra sr. Manuel Cardoso, segundo um desenho do Professor sr. dr. Manuel Rodrigues e debaixo da direcção do sr. dr. Virgilio Correia, atestará aos vindouros que a geração académica de 1935, colaborando com as gerações transatas, prestou uma merecida e justa homenagem a todos os estudantes de Coimbra que, chamados ás fileiras do glorioso exército português, tombaram nos campos da Flandres e da A'frica, durante a grande guerra de 1914-1918.

Sentimo-nos devéras satisfeitos. Satisfação enorme, esta nossa, porque é a satisfação moral do dever cumprido!

A todos quantos nos auxiliaram, colaborando conôsco, manifestamos, por êste meio, a nossa gratidão, — e o nosso eterno reconhecimento.

Notas de reportagem

Referiu-se já tôda a imprensa à festa simples, mas revestida dum grande significado, que se realizou no dia 9 de Abril. Não queremos, no entanto, deixar de arquivar nas colunas do «Coimbra» algumas notas que documentem, no futuro, a realização desta festa e que traduzem, de certa maneira, o que ela foi. Eis porque damos, a seguir, algumas notas de reportagem.

Pelas 14,45 horas, saíu do pátio da Universidade um cortejo em que se encorporaram os alunos das escolas primárias de S. Bartolomeu, Santa Cruz, Almedina, Celas, Santa Clara e Calhabé, acompanhados dos respectivos professores, alunas do Liceu Feminino da Infanta D. Maria, alunos dos Liceus do dr. José Falcão e do dr. Júlio Henriques, Professores e alunos da Universidade, rodeando os estandartes do Orfeão, da Tuna e do Fado académicos, representantes da Camara Municipal, com a bandeira da cidade, Associações de Socorros Mútuos e Artistas de Coimbra, corporações de bombeiros, deputações das unidades militares, combatentes da Grande Guerra, etc.

Pelas 15 horas, o cortejo, em que se encorporaram mais de cinco mil pessôas, parou em frente da Associação Académica.

Os clarins deram o sinal de sentido. Então, o sr. Dr. J. da Providência Costa, que representava o sr. Reitor da Universidade, passou ao mutilado sr. António Rodrigues o cordão da Bandeira que cobria a lápide, que foi por êste descerrada. De novo os clarins se fizeram ouvir, tocando a marcha de continência. Havia lágrimas em muitos olhos!

Subiu, então, ao estrado, o nosso director sr. dr. Jorge de Morais, que proferiu o seguinte discurso:

Ex.mo Senhor Reitor da Universidade, Senhores Professores, Ex.mas Autoridades Civis e Militares, minhas Senhoras, e meus Senhores, Estudantes: — Embora imerecidamente, a Comissão promotora da Homenagem aos Estudantes Mortos na Guerra, por deferência que muito me sembiliza, confiou-me a subida honra de, em seu nome, vos dizer algumas palavras sôbre o significado e razão de ser desta homenagem impressinonante a cuja efectivação estamos assistindo.

Trata-se, minhas Senhoras e meus Senhores, duma cerimónia dum alto significado espiritual, que traduz, singela e humildemente, a gratidão profunda e a saúdades bem sentida de mil corações que representam a mocidade escolar da geração actual, sentimentos êsses a que um povo inteiro se associa, legitimamente orgulhoso da sua raça, que tão nobres exemplos tem apontado ao Mundo.

E para mim, que como português senti e sinto a dôr e o luto — trágicos despojos do vencido que dessa catástrofe nos couberam, mas à custa do que mantivemos o nosso poderio colonial e afirmamos a vitalidade dum povo — nenhum momento de mais ardente vibração pode abalar a minha sensibilidade, do que aquele em que os Estudantes de Coimbra, acompanhados pelos seus Professores e pelos seus irmãos mais velhos nesta gloriosissima Universidade, cônscios dos seus deveres de gratidão e patriotismo, saldam uma sagrada divida junto daqueles que, por glória de nós todos, viram pela última vez a luz do dia longe da sua Pátria-Mãe, tombando para sempre em campa feita do seu próprio sangue e sacrificio.

Relembrar minhas senhoras e meus senhores, o que foi para nós essa jornada cruciante de dôr que a Humanidade empreendeu em louca correria, e fazer

(Conclui na página 5)

AS BOLACHAS
E MASSAS DA
NACIONAL
são as preferidas

UMA INICIATIVA DO "COIMBRA"

(Continuação)

perpassar na tela das nossas memórias, ainda manchada de sangue, os episódios emocionantes que então fizeram estremecer a nossa devoção patriótica.

Ao grito de guerra soltado contra Portugal, acorreram logo a defender o Solo bendito da Pátria, e a sua honra fóra dele, todos êsses Herois, em bando de glória — a mucidade a doirar-lhes as ilusões perdidas por amor da Pátria — trocando voluntáriamente o dôce agazalho da sua capa negra como a noite, mas que para êles tinha o brilho dum raio de luar, pelo gume cortante da espada, onde, a sua bravura desmedida e os seus sacrifícios sem par, escreveram em arrebois sanguineos, o nome de Portugal.

E, como se vinte anos não fôssem já decorridos, afigura-se-me que estou vendo — embaciada pela saudade a luz dos meus olhos — essa legião forte de filhos de Portugal, em abalada altiva de pioneiros da Glória, partir cantando para Africa e para a Flandres, o coração dilacerado mas a alma a sorrir, as mãos enclavinhadas no aço da metralha, aguardando o momento de trocar pela vida, ainda em flôr, o flutuar definitivo independente e livre, do pendão das quinas, no céu azul da Pátria estremecida.

E essa legião de soldados, valentes e indomáveis, com o verdadeiro culto do dever e do sacrifício, parece que em seus próprios cânticos de patriotísmo ouvia repercutir-se, não como um eco longinquo mas como se fôra verdadeira, a voz de Mousinho, comandando em Magul:

— Soldados: aqui ou se morre pela honra de Portugal, ou se vence pela glória da sua Bandeira.

E, como que embalados na beleza espiritual dêste grito de acrisolado amor-pátrio, êsses bravos soldados souberam corresponder à Glória dos seus maiores e escreveram, com a sua valentia, mais uma página formosíssima da nossa História secular.

Não permitiu o destino qne muitos dos que partiram regressassem à terra cstremecida, exigindo dêles a vida, como tributo da nossa independência.

É, pois, para êsses, que verteram a sorrir o seu generoso sangue, que neste momento vai a nossa saüdade mais sentida e a nossa mais sagrada admiração.

Que na paz da sua campa vicejem flôres das mais puras e singelas a guarnecer a Bandeira porque morreram, e que êles sintam sempre a devoção com que recordamos a sua memória.

E essa recordação e a luz do Sol da Liberdade que nos ilumina, hão-de fazer gritar em alvorôço a nossa alma, como que em afirmação solene dum destino maior para esta Pátria abençoada que, no dizer de Junqueiro,

«é a mais formosa e linda
que ondas do mar e luz do luar viram ainda».

As últimas palavras do nosso querido companheiro de trabalho foram abafadas por uma calorosa salva de palmas. Falou, a seguir, o presidente da delegação de Coimbra da Liga dos Combatentes, sr. capitão Eduardo de Oliveira. Eis o seu discurso:

«É com regosijo do meu coração de Português e desvanecimento da minha alma de soldado que, em nome da L. C. G. G., me associo à homenagem prestada aos vossos antigos colegas e nossos camaradas de combate, perpetuando nesta lápide a sua memória para lembrar às gerações vindouras o sacrifício da sua mocidade dos seus sonhos de amor, ideas de vida de família aos altos destinos da Pátria querida.

Felicito a ex.ma comissão que levou a efeito esta festa de homenagem aos briosos académicos que tombaram no campo da Honra e do Dever, faço votos para que a memória de seu sacrifício reconforte e purifique as nossas almas desfazendo de uma vez para sempre paixões mesquinhas ambições que só comprometem, encarando sempre com elevação e nobreza os nossos deveres de cidadãos e portugueses.»

O sr. José Viegas, aluno do Liceu dr. José Falcão, falou a seguir, focando o significado do 9 de Abril. Em nome da Associação Académica, falou o nosso colega sr. Ramos de Almeida. O tenente sr. José Saraiva, antigo estudante combatente, pôs em destaque o esfôrço dispendido nos campos de batalha por todos os alunos da Universidade de Coimbra. Por último, o sr. Dr. João da Providência Costa, que representava o sr. Reitor da Universidade, proferiu o discurso seguinte:

«O Xein angeilon Lakedaimoniois hoti tede keimetha, tois keinon rhemasi peithomenoi.

Ó forasteiro, vai dizer aos lacedemónios que aqui morremos em obediência às suas leis!

Tal foi a lápide singela e eloqüente com que há dois mil e quinhentos anos, nas Termópilas, um grande poeta lembrou à posteridade o sacrifício heróico de um punhado de helenos que morreram, cumprindo o seu dever de helenos que a *Pátria exigia dêles.*

Como há dois milénios e meio aquele poeta, também nós aqui hoje prestamos a nossa homenagem aos môços heróis que, obedecendo à lei, serviram a Pátria, morrendo.

Mas se o sacrifício dos heróis que aqui lembramos foi duplamente maior porque, longe do torrão natal, os seus ossos lá ficaram dispersos pelos frios do Norte ou calcinados pela África adusta duplamente maior deve ser a nossa veneração e gratidão por estes môços estudantes que não recuaram no cumprimento do seu dever, na obediência à lei.

É cumprindo as leis, servindo, obedecendo que o conceito de Pátria cresce, se sublima, como se dignifica e sublima o próprio conceito do homem.

Pátria é o sumatório de nós todos que vivemos, nesta terra ensopada no sangue de heróis, o holocausto dos milhões que através dos séculos se sacrificaram, obedientes à lei da Pátria, defendendo-a.

Sacrifício bemdito êsse que fêz da nossa uma Pátria digna, respeitada, grande — que nenhuma a supera em valor espiritual!

Abençoemos pois os nossos companheiros e estudantes de há dois decénios que souberam cumprir heròicamente o seu dever, exaltando os seus belos sonhos dos 20 anos um sonho maior de Pátria grande, num conceito maior de bem servir, de obedecer à lei.

Que o sacrifício heróico dos môços estudantes de Coimbra mortos na Grande Guerra perdure eternamente na memória agradecida das gerações!»

Estava terminada a cerimónia. O cortejo pôs-se de novo em marcha, em direcção à Avenida de Sá da Bandeira. No monumento aos Mortos da Grande Guerra foi colocado um artístico ramo em nome da Academia de Coimbra.

Sejam benvindos

Estiveram em Coimbra a passar os dias festivos da Páscoa, e abraçamos com prazer na nossa redacção os nossos prezados amigos e assinantes srs. Dr. Francisco Souza, medico e director do Hospital do Cadaval, Dr. Simões de Carvalho, médico em Olival, Dr. Lucena Sampaio, médico no Caramulo e Dr. José Lopes Schiappa, advogado em Torres Novas.

Notas á margem

A exposição de pintura da Escola Livre das Artes do Desenho

Porque entendo que a função da crítica é bem diversa daquela que para aí lhe anda atribuída sinto-me impossibilitado de apreciar, ao de leve que fôsse, a concorrida e bem representativa exposição de pintura levada a efeito pela Escola Livre das Artes do Desenho e que esteve patente ao público, durante uma semana, nos salões dos Paços do Concelho. E' evidente que tenho que explicar esta minha impossibilidade de escrever qualquer coisa assemelhável a uma crítica e sôbre essa exposição. Para o fazer, basta-me recorrer á opinião de Saint-Beuve, o grande crítico francês. Dizia êle, falando da crítica literária, que a missão do crítico era apenas esta: levar os leitores duma obra a surpreender os encantos ou a salientar os defeitos da mesma obra, isto é, ensina-los... a ler. Pode aplicar-se o conceito á crítica das artes plásticas. Daí, a impossibilidade de eu criticar a exposição, porque ela já encerrou e eu não posso, agora, dizer aos meus leitores — se os tenho—que vão admirar estas e aquelas qualidades dêste pintor e repudiar êste e aquele trabalho dum outro pintor que teimou em apresentar *coisas* fracas.

Pôsto isto, resta-me traçar duas linhas de impressões. E essas aí vão.

***

O óleo — como de resto a aguarela, o lápis e a escultura — estava admiràvelmente representado.

Logo de entrada surpreendiam-nos três grandes telas de Fausto Gonçalves. Gostei da *Casa da Beira*, Luz admirável, bem distribuída. *A mulher do alpendre* foi traçada por mão de mestre. *Dôce enlêvo*, trabalho de responsabilidade, não traz novos louros ao pintor. *A água*, está bem tratada, mas o homem, figura de primeiro plano não tem o *movimento* requerido. *Ruínas da Tôrre Morta*, é um belo documento iconográfico, mostrando-nos ainda essa jóia que é o Jardim da Manga.

A contrastar, duas pequeninas telas de Abel Salazar. Com franqueza: gosto mais dêle como pintor do que como prosador. Porque não traz a Coimbra mais obras suas?

Saúl de Almeida tem progredido imenso! Américo Deniz e Horácio Gavião vão atingindo também o plano a que têm jús. O primeiro, apresentou uma tela da *Casa da Náu* que nós recomendaríamos aos bons coleccionadores, se ela não tivesse outro destino: um museu.

Os retratos do industrial sr. Mário Pais e do arquitecto sr. Agostinho da Fonsêca, obra de António Costa, muito bons. Alberto Silva, Júlio Ramos e Tálio Vitorino, já conhecidos do público, não desmereceram do conceito em que são tidos. Discípulos que honram os mestres: Fernando Galhano, D. Margarida Costa, D. Maria José Sousa Pinto, D. Maria Laíza Ferreira, Manuel Lácio, Otão Laiz e D. Sofia Martins de Sousa.

***

Aguarela... Ficaram-se-me os olhos naqueles maravilhosos apontamentos de Alberto de Sousa. Deve-se a Mestre Alberto de Sousa o melhor documentário do trajo regional. Na sua admirável *Feira de Barcelos*, mais que documentário, há movimento, vida, — a alma dum grande pintor!

Revelações para mim: as aguarelas de Agostinho da Fonsêca e de Manuel Rodrigues. Aguardo nova exposição dos seus trabalhos. Porquem teimam em viver isolados do grande público? Devem aparecer mais vezes, para receberem a consagração a que têm jús.

António Vitorino não merece uma apreciação, sequer, porque seria descabida. As suas possibilidades de aguarelista são bem conhecidas. Basta dizer-se que as confirmou. *A Fonte de Paio Guterres* é, sem dúvida, um dos seus melhores trabalhos e um dos melhores trabalhos da exposição. *Uma colhida* é mais uma das suas admiráveis miniaturas, daqueles pedacitos de barro contornados pelas suas mãos hábeis, que lhes arrancam fôrça de expressão, vigoram a vida em tôda a sua pujança.

Na escultura, fizeram-se ainda representar Francisco António dos Santos, Américo Caetano e João Machado. Três artistas de Coimbra, e três bons artistas.

Adolfo Marques apresentou um curioso *D. Quixote*. De Américo Gomes havia na sala quatro admiráveis trabalhos.

No Desenho havia trabalhos de Adriano Costa, Américo Deniz, Arquitecto Agostinho da Fonsêca, Alfredo António de Azevedo, Dr. Francisco Teixeira de Queirós, Gonçalo Pachêco Pereira, Manuel Rodrigues e Saúl de Almeida.

Mas porque não me é possível dispôr de mais espaço, — aqui se põe têrmo a esta colectânea de impressões.

ANTÓNIO CRUZ

Canção da distancia

Saüdade distante,
Distante do meu bem...

Ficaste a vêr o Mar
Do Nunca — Mais — Voltar!

Não fôste para diante,
Tinhas mêdo do Além...

— Vem! Eu sou mareante
Do largo Mar de Além...

Deixeite so e tão longe,
Minha santa de tristeza!
Ai! quem me dera ser monge
P'ra adorar tua beleza...

Eu sou sempre o perdido mareante...
— Adeus, meu distante Bem!...

MANUEL FILIPE

Viajar com confiança só num STANDARD

Deseja V. Ex.ª vestir com elegancia?

Deseja que os seus fatos pelo esmerado acabamento causem a admiração dos seus amigos? Pois tal desejo só poderá ser satisfeito na alfaiataria de António Rodrigues Nogueira, cita na Praça Velha, n.º 39-1.º Telefone 1064.

Preços reduzidos á malta!...

Em Lisboa o Hotel preferdo pelos estudantes de Coimbra é o

Suisso Atlantico Hotel

Cosinha higienica

Quartos esplendidos

Preços especiais por excurções

RUA DA GLÓRIA, 3

LISBOA

AUTO-INDUSTRIAL, L.da

Avenida Navarro — Coimbra

Telefone 57 e 941 P. B. X.

Representantes exclusivos em Portugal das bombas

L. M. G.

A melhor bomba manual para regas, lavagens de automoveis, trastega de liquidos, apagar principios de incendios, etc.

e dos macacos

Licença Michelin & C.ie

para automoveis e camions

Tintas Ripolin em todas as cores - Lonas - Pergamoides

Artigos para estofador

Termoide STOP

O melhor e mais resistente para automoveis

Todos os acessorios para automoveis

Na praia

A tela é simples: — Há sol!
Cantando na fulva areia
Tu lembras uma sereia
Com a voz de um rouxinol.

O mar, em frente, murmura
Baixinho canções de amor...
Tombou a paz do Senhor
Por sôbre nós. Que ventura!

Tu falas de um sonho antigo
Que embala a tua ilusão;
Sonho velho, sonho erguido
Dentro do teu coração.

Sonho que tem a harmonia
Da voz de um anjo cantando,
E o perfume dôce e brando
Das rosas de Alexandria.

E emquanto falas eu vejo,
Palpitante e abrasador,
Nos teus lábios o desejo
Dos meus lábios, meu Amor.

Entretanto, o sol desmaia
Na espuma branca. É noitinha!
Ninguém mais anda na praia...
Eu sou teu e Tu és minha.

Coimbra.

FERNANDES MARTINS.

Experimente um automóvel STANDARD

Farmácia e Laboratório Sílcar

Albuquerque & C.ª

Director técnico: Ferreira Malva

Preparação de produtos injectaveis. Serviço de esterilizações. Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras. Instrumentos cirúrgicos. Perfumarias etc. Aviamento escrupuloso de receituario

R. Ferreira Borges, 88-94 — Telefone 904
COIMBRA

Confôrto, economia, e elegância só num STANDARD

Tosses, Constipações

O "Bronchyl Pedroso„

Premiado com diploma e medalha de prata na Grande Exposição Industrial Portuguesa (1932-33)

E' um excelente preparado para a cura de todas as doenças dos bronquios e pulmões. A **tosse** é um sintoma predominante das doenças bronco-pulmonares. Uma simples afecção da garganta ou do peito pode, por falta de tratamento, ser a causa de doenças graves, tais como: **Asma, Bronquites, Catarros, Constipações** e **Tuberculose,** e enfim, tôdas as doenças dos **Bronquios** e **Laringe.**

O **Bronchyl,** pela sua feliz composição, é o medicamento específico para tôdas as doenças de peito, um poderoso antiséptico das vias respiratórias e um excelente tónico. Acalma rapidamente todas as **Tosses, Constipações, Gripes, Asma** e **Bronquites.**

Já é muito antigo, mas deve lembrar-se sempre, que duma constipação mal tratada, sobrevem com a maior facilidade a **Tísica,** que tantas vítimas tem causado na humanidade. Ora como o **Bronchyl** é um poderoso antiséptico das doenças do peito e laringe, deve ser preferido a qualquer outro medicamento, logo que se note qualquer sintoma de tosse.

Deposito em Lisboa: Farmacia Antonio Ferreira Pinto, Rua da Prata, 153 — Sociedade Industrial Farmaceutica, Rua do Mundo, 42. — No Porto: Farmacia Estacio, Rua Sá da Bandeira. — **Em Coimbra:** Farmacia e Drogaria **Luciano & Matos.** — Em Faro: Sociedade de Produtos Quimicos, Limitada.

Alfaiataria Coimbra

Fazendas Nacionais e Estranjeiras

Rua Ferreira Borges, 9-1.º — Telef. **867**
COIMBRA

Casa das Lans

(REGISTADO)
Fundada em 1917

AUGUSTO LOPES

67, RUA VISCONDE DA LUZ, 69
TELEFONE **640**
COIMBRA

LANIFICIOS PARA FATOS E VESTIDOS
Compramos só nas fábricas para vender barato ao público

Enviam-se amostras para todo o país
Encomendas contra reembolso

AVELAR-CAMISEIRO

CASA ESPECIALISADA

EM

CAMISARIA E MALHAS

42, Rua Visconde da Luz, 42

COIMBRA

A COLONIAL

Completo sortido em mercearia fina, champanhes, vinhos e licores louças, vidros e cristais, molduras, estampas, oleados, etc.

Vendas por junto e a retalho

REIS & SIMÕES, L.DA

71 — Rua da Sofia — 85 — COIMBRA — Telefone n.º 147

Sucursal em VILA NOVA DE POIARES

PROPRIEDADES

Compra, vende e hipoteca, fornece orçamentos e constroe PREDIOS, no Porto, TERRENOS E QUINTAS em todas as provincias do Norte do país

A NORTENIA, LIMITADA

Telefone 6414 — Praça de Carlos Alberto, 110, 1.º — **PORTO**

Agencia de Coimbra, Rua da Sofia, 59, 1.º

IMPORTANTE: Serviços gratuitos para os Capitalistas e sem despesas para os Vendedores que, em todos os casos, ficam com o direito de transacionarem directamente as suas propriedades.

BANQUEIROS: Banco Nacional Ultramarino
Sousa, Cruz & C.ª, Lim.ª

AGENTES: Em todas as regiões do Norte de Portugal.

MARIO CRUZ RIBEIRO

Representações

RUA FERREIRA BORGES, 160, 1.º

COIMBRA Telefone 1028

Agente no Distrito
das Maquinas de Escrever ROYAL

Armazens Paris

Rua Visconde da Luz, 36

COIMBRA

A mais desenvolvida secção de fotografia onde se executam as melhores fotografias e por preços convidativos

Grande existencia de molduras para retratos

Grande secção de calçado a pronto e prestações

AGENCIA FUNERARIA

Encarrega-se de funerais completos de todas as classes, em Coimbra, arredores ou qualquer ponto do país, por preços modicos. Urnas de mogno, pau santo e outras madeiras. Coroas, bouquets e flores artificiais. Trasladações para todos os cemiterios do país ou estranjeiro, encarregando-se de toda a documentação, tendo para este fim um Auto-Funebre envidraçado, moderno, armado em camara ardente.

VIUVA ANTONIO MARIA PINTO, SUCESSOR

Sucessor seu genro BARTOLO GOMES PEREIRA

Rua dos Esteireiros, 13 e 17 **COIMBRA**

Detrás da Igreja de S. Bartolomeu

Chamadas a qualquer hora para o telefone 403

Companhia de Seguros FIDELIDADE

Seguros de Terrestres, Vida e Acidentes do Trabalho

A Companhia mais antiga de Portugal

Agentes em Coimbra:

Basilio Xavier d'Andrade, Sucr., Lim.da

RUA CORPO DE DEUS, 40 — COIMBRA

Telefone n.º 551 — Telegramas — CUNHA PINTO

LARGO DAS AMEIAS e AVENIDA NAVARRO

Julio da Cunha Pinto & Filhos

COIMBRA

Bilhetes e fracções da lotaria

Tabacaria e papelaria. Perfumarias. Postais ilustrados. Mercearias finas. Vinhos finos e outras bebidas nacionais e estrangeirras. Aguas minerais. Pólvora do Estado e artigos de caça

Joaquim Gomes Veiga

Ao

João Carlos de Assis de Menezes e Castro Pereira de Melo

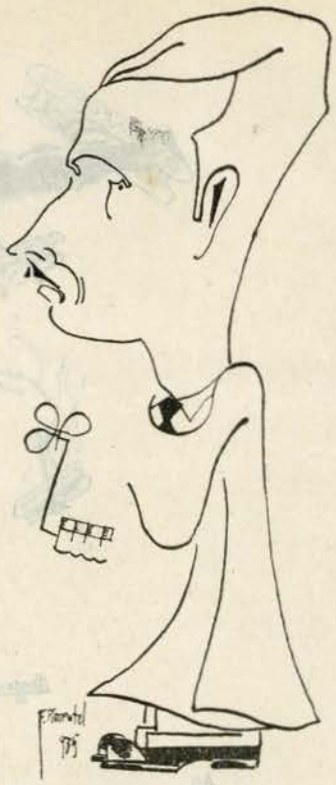
um abraço da Redacção do «Coimbra»

Luís da Previdência e Costa

Manuel José Fernandes

Ilídia Duarte Ribeiro

Sérvio de Gouveia Maia Xavier



João Francisco de Carvalho Marques

Cândido da Silva Vaz

Altos e pequenos, gordinhos e magros
Tudo em nosso bando, querendo, encontrais
Há amadores galantes que dizem ser bravos...
Há Palhinas finas, dignos Figueirais...

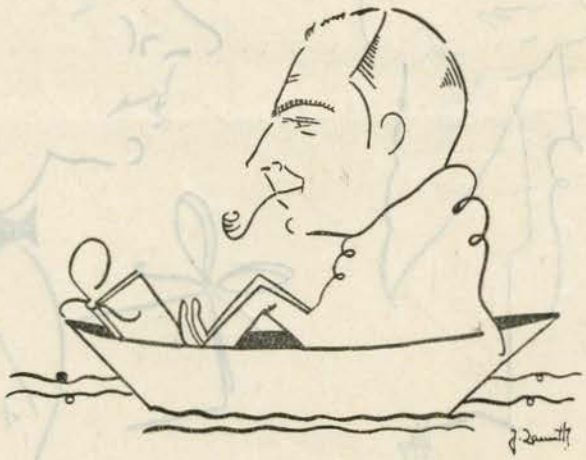
Há reformadores que espantam o Mundo
Trovadores d'amor para vos cantar
«Ursos» mui cotados que sabem a fundo
Outros... que preferem a vida gosar!

Fitas que tremulam... Salvé a nossa hora!
Vida que despontas, bemdita sejais!
Nós te saüdamos, radiosa aurora,
Ouve nossos sonhos, não os digas mais...

Fitas que tremulam... capas que esvoaçam...
Batem desordenados muitos corações
O Mundo é pequeno, pequeno é o espaço
Pró mundo infinito das nossas paixões!

MARIA RAMALHO

Antonio Aires de Matos



José Amador

José Antunes Serra

Oscar Amorim

Aqui têm V. Ex.ª
Um grupo de rapazes
— Uns amôres! —
Futuros doutores
Em ciências
Muito capazes
De afirmar
E provar (!!!)
Ante a vossa mudez
Que dois e dois são trez,
São seis ou cinco,
A com afinco
De dedo erguido
Sulcando o ar
E ar severo
Sem um gemido
Vão demonstrar
Que um é igual a zero.

Meninas que os olhais
E admirais
Co'os vossos corações
Qu'rendo saltar do peito,
Vejam o que vão fazer
Que estes senhores, queiram crêr,
São tanto ou mais «aldrabões»
Que os alunos de Direito.

Rogerio Ferreira do Amaral

Jorge Capinha Rodrigues

Republicas e Residencias

O problema do alojamento da mocidade académica é de capital importância na formação moral, intelectual e física, das classes cultas.

Não admira, pois, que tôdas as nações civilizadas lhe procurem uma solução satisfatória.

Portugal não vai na vanguarda do movimento e ainda bem, porque a solução definitiva parece não estar ainda determinada.

Houve um momento que coincidiu sensivelmente com o período de prosperidade que a paz trouxe comsigo, em que se supoz que a solução estava nas chamadas *residências* dos estudantes. Era, por assim dizer, o alojamento *estandardizado*, o alojamento em série.

Grandes casarões mais ou menos cubicamente estúpidos onde muitos centos de estudantes eram alojados como soldados em quartel. Esperava-se obter por êsse processo uma vida barata para os académicos e êsse foi o primeiro êrro. Apesar das *residências* serem feitas quási completamente à custa de subsídios do Estado, das municipalidades e até de particulares generosos, as mensalidades necessárias para cobrir as despesas da exploração eram excessivamente caras.

A êsse inconveniente que não é de pequena monta, em um país pobre como o nosso, acrescia um outro que também entre nós se agrava muito sensìvelmente — o da dificuldade de manter a disciplina, sem recorrer a processos de certa violência.

E' preciso não esquecer que a mocidade portuguesa é por temperamento irrequieta a tal ponto de na Escola de Roches não serem admitidos estudantes portugueses nem brasileiros ... segundo me informou pessoa que seguia muito de perto a vida e os processos da educação dessa Escola de fama universal.

Mesmo em países mais disciplinados do que o nosso, a ordem só se mantém apertando a vida nas residências de estudantes dentro de normas regimentais que as tornam muito parecidas com casernas. Resultado: uma compressão prolongada a que fica sujeita a mocidade académica e que muito a prejudica no desenvolvimento das suas qualidades de iniciativa e de carácter.

As qualidades de iniciativa só se desenvolvem na liberdade e a noção profunda, sentida, das responsabilidades só se adquire tendo habitualmente a liberdade de iniciativa.

A vida estandardizada que os estudantes têm de levar nas grandes residências, tira-lhes as mil e uma ocasiões que a vida livre nos oferece todos os dias, de tomarem uma iniciativa, de resolverem por si um pequenino problema, de exercitarem a sua liberdade.

A escola deve estar o mais possível de acôrdo com a vida e a vida, felizmente, ainda não é uma caserna.

Por isso a experiência condenou as grandes *residências* de estudantes, não só debaixo do ponto de vista económico, mas ainda debaixo do ponto de vista educativo.

Na Matemática, já se resolvem os problemas ... em série e na Economia moderna muitos problemas há também que se resolvem pelo mesmo método.

O Chili acaba de inaugurar... os casamentos em série. ! A primeira fornada foi de cinqüenta e sete!... O problema que me ocupa neste momento parece, porém, rebelde a êste método.

Segundo um inquérito mandado fazer pela «Illustration» nos fins de 1933 e cujos resultados foram por êles publicados nos primeiros meses de 1934, se a memória nos não falha, a solução mais recomendável é a de pequenas *residências*, cada uma para cerca de dez estudantes que nela viveriam como em família. Cada uma destas residências teria cozinha e sala de jantar e os estudantes viveriam em comunidade, administrando cada um dêles durante seu mês, ou semana.

O ideal de residências de estudantes apresentado pela «Illustration» aos seus leitores, depois de minucioso inquérito a tôdas as *residências* da França é, nada mais nada menos que as nossas rèpúblicas coimbrãs.

Não foi, portanto, rigorosamente exacto quando disse que Portugal não ia na vanguarda dos países que procuram uma solução para o problema do alojamento da mocidade académica, porque Coimbra foi precursora da mais moderna das soluções propostas para tal problema.

E de quantos anos se adiantou Coimbra na solução dêste importante problema?

Não de tantos como julgam aqueles que supõem que as *rèpúblicas* coimbrãs foram instituïdas pelo Rei Dom Deniz mas também não de tão poucos que não passassem já as suas bodas de oiro. A primeira *república* que houve em Coimbra foi fundada em 1878-79, na Ladeira do Seminário, pelo falecido Dr. Pedro Sanches, então estudante teólogo, passando por ser um dos melhores estudantes do seu curso que era aliás de cinco cursos.

Diz-se que não ficou na Faculdade por uma questão que teve com um lente...

Pois êste Dr. Pedro Sanches que veio a passar a sua vida a ensinar Química no Seminário-Liceu de Guimarãis, foi o fundador da primeira república coimbrã. A instituïção deve ter cincoenta e seis anos, prova de que é viável pois se tem mantido de seu durante um bom meio século. Parece, pois, naturalmente indicada, agora que tanto se fala em cidade Universitária. Tem tôdas as vantagens desejadas pelos pedagogos franceses que a «Illustration» ouvia no seu inquérito e mais estas — a de sua barateza, pois que para a pôr em prática com tôdas as exigências da vida moderna, basta... desinfectar a Alta.

PACHECO D'AMORIM.

FITA MÉTRICA

Cantai!...

(A todos os quartanistas e quintanistas de ontem e de hoje).

Cantai, oh gente môça!... Ride agora!...
As capas pelo ar!... Haja alegria
E corra em borbotões a espuma fria
E branca do «Champagne»!... Nesta hora

Ouvide só a voz que vos implora
A louca gargalhada!... A nostalgia
É cousa descabida neste dia,
A dôr é sem razão; deitai-a fora!...

E, quando fôrdes velhos, já cansados,
O eco suavíssimo dos brados,
Agora estrepitosos, há-de ser

O bálsamo da vossa pobre Alma
Que, numa solidão sublime e calma,
Começa, pouco a pouco, a fenecer...

Queima das Fitas, 1935.

ASSIS PACHECO,
(Aluno da Faculdade de Medicina).

O grupo de Foot-Ball da A. Academica

Quem um dia passa por Coimbra como estudante fica fatalmente ligado à briosa A. A. por laços fortes de simpatia e amisade. Também fui estudante de Coimbra, com que saudade o digo, e para não fugir à regra, no meu coração vive ainda uma profunda dedicação por essa famosa colectividade a que tive a honra de pertencer.

Eis porque nunca me recuso a escrever qualquer coisa sôbre êsses briosos rapazes que constituem o seu grupo de foot-ball, antes o faço com extraordinário prazer. Fico até muito grato à redacção do «Coimbra» por se ter lembrado de mim para desempenhar esta missão. Vejo que a-pesar-de alguns meses, quási um ano, apoz a minha retirada, ainda sou lembrado e isto é um facto que tem fatalmente de envaidecer o mais modesto.

***

Falar dum «team» que ao findar o campeonato da Liga aparece na cauda da classificação, é tarefa difícil. Por ter fatalmente que dizer mal? De forma nenhuma; porque os académicos de Coimbra embora vencidos, só são dignos de elogios e aplausos.

Ora por aplaudir calorosamente êsses rapazes que o destino tão mal classificou, vou ser apelidado de faccioso. Mas isso não será obstáculo que me iniba de exprimir com sinceridade o que sinto. Bater não me batem!...

Portanto, aqui vai a minha opinião.

***

Os rapazes da Associação Académica são amadores. Fazem desporto nas horas vagas, que bem poucas são, e aos domingos, haja sol, frio ou chuva, êles ali vão generosamente, para o campo dar o seu esfôrço desinteressado. ¿Não será isto já um motivo de agradecimento?

Lembremo-nos, pois, que os gloriosos vencidos do campeonato da Liga, souberam lutar do princípio ao fim com coragem e brio. Não houve um desfalecimento. Lutando contra adversários profissionais, mais experimentados, tiveram também que lutar contra a má sorte que os acompanhou do primeiro ao último jôgo. Posso afirmar que com um bocadito de sorte, o «team» teria fugido com bastante facilidade, à ultima classificação. Mas a «chance» não quis nada com o «team» académico.

Houve arbitragens péssimas que o prejudicaram. Houve imensos jogadores doentes. Basta lembrar que não foi possível apresentar a mesma linha em dois desafios seguidos. Só Rui, Portugal e Faustino conseguiram fazer todos os encontros. Os restantes, por percalsos diversos, não puderam dar a sua colaboração do princípio ao fim. Pensai nestes factores os descrentes. Meditai nisto os que sentem desânimo, e estou certo que todos hão-de concordar que muito fizeram os jogadores do «team» mais infeliz da Liga.

***

Nem sempre ser último significa ser pior e a Associação Académica obteve resultados que nos dão margem para afirmar que algum valor possuímos. Citarei por exemplo a derrota em Setubal pela diferença de uma bola, o que sucedeu também ao Pôrto, que ficou campeão, e ao Belenenses, terceiro classificado. Perdemos com o Porto por 4-2, resultado igual ao do Sporting que esteve á beira do triunfo final. No último encontro com o União, jogado no campo de Santa Cruz onde os melhores clubs de Lisboa costumam ser derrotados, o nosso «team» perdeu pela diferença mínima. Já não quero comparar os nossos resultados com os do Académico do Pôrto, segundo classificado no campeonato daquela cidade, em que a vantagem pende bastante para o nosso lado.

Tem-se afirmado que há clubs da 2.ª Liga que merecem melhor a posição na 1.ª do que a Associação Académica. Apontam-se o Boavista e o Barreirense como exemplos. Os resultados obtidos no primeiro domingo do campeonato de Portugal vieram demonstrar que isso não é bem assim. O Barreirense perdeu com os Belenenses pelos mesmos 4-0 que a Associação Académica, que nêsse dia se apresentou desfalcadíssima, faltando-lhe até o guarda-rêdes. O Boavista perdeu por 8-3 com o Benfica, que só deu à Associação Académica 4-1, dia em que faltaram os dois defesas, mas tendo já empatado em Coimbra!...

Eu sei que isto de resultados é tudo quanto há de mais caprichoso. No entanto, entendo que com os resultados é ainda a melhor forma de se avaliar o valor duma equipe e perante êles, o grupo que representou a Associação Académica na Liga, não vergou nunca ao pêso de derrotas desonrosas. Perdeu muitas vezes, é certo, mas perdeu com desportivismo e aprumo. Os jogadores souberam ser leais e disciplinados. Deram o seu esfôrço com coragem e dedicação. Prejudicaram muitas vezes o seu bem estar e os seus trabalhos escolares para não faltarem aos jogos. Alguns sofreram desastres grandes o que prejudicou fortemente a sua saude.

Por tôdas estas razões a Academia de Coimbra deve estar reconhecida aos seus representantes.

Quanto a mim, que a-pesar-de afastado acompanhei sempre o grupo nas horas alegres de triunfo que foram poucas e nas amargas da derrota que foram muitas, daqui lhe envio as mais calorosas saüdações.

Lisboa, Maio de 1935.

Armando Sampaio.

Universidade de Coimbra

Um aspecto da Via-Latina

STANDARD tem tôdas as peças sobrecelentes, e a um baixo preço

Peça uma demonstração ao representante do STANDARD

35 anos de experiências garantem o bom fabrico do STANDARD

Automoveis Standard

(FABRICO INGLEZ)

Experimentados por mais de VINTE MIL automobilistas, obtendo sempre os melhores resultados.

Comodidade, Elegancia, Economia.

Compre um STANDARD

Representante para Coimbra e Distrito

MARIO NOVAIS

Rua da Sofia, n.º 80 — COIMBRA

Hoteis que se recomendam pelas suas instalações e pela modicidade dos seus precos

HOTEL AVENIDA

(Com Bar Americano)

COIMBRA HOTEL

(Próximo da Estação Nova)

OS MELHORES HOTEIS DE COIMBRA

Proprietario-Gerente: **Filipe Pais Fidalgo.**

O nosso jornal não anuncia outros hoteis

Prisões

I

A construção e organização das prisões, é um assunto que freqüentemente preocupa a opinião pública e sôbre o qual fàcilmente e freqüentemente se emitem opiniões.

No entanto, poucos assuntos de interêsse geral haverá sôbre que seja mais difícil ter uma opinião, que mereça êste nome.

A constatação das experiências feitas, o salutar contacto com as realizações, mostra-nos a complexidade do problema e a desconfiança que devemos ter de soluções simplistas, de sistemas que se imaginam eficazes porque se não experimentaram, ou que se julgam falidos só porque se executaram mal.

Quem estuda a sério a questão ou melhor as numerosas questões penitenciárias tem muito menos opiniões que dúvidas. Nesta matéria, em geral, só é decididamente afirmativo quem não estudou, quem não seguiu de perto as experiências do nosso e dos outros países, quem não conhece o mundo criminal, quem não analisou as suas reacções no internamento carcerário.

Aqui como, em geral, o melhor meio de não ter dúvidas é não investigar e meditar os assuntos. Dizia certo advogado que, às vezes, era preferível não estudar os processos ... para se poder, *com mais convicção*, defender os constituintes.

Em matéria penitenciária, como em tôdas aquelas onde os *sistemas* que se constroem têm uma finalidade prática, se não pode prescindir-se da *imaginação*, é preciso não contar só com ela; é necessário submetê-la ao que a experiência vai ensinando. «No início de investigações experimentais sôbre um assunto determinado — dizia Pasteur — a imaginação *deve dar azas ao pensamento*, mas no momento de *concluir*, de *interpretar os factos* que as observações reuniram, a imaginação deve, pelo contrário, ser dominada pelos resultados da experiência».

Em termos ligeiramente diferentes êste ensinamento possui aqui segura aplicação.

Ora a experiência prisional, se está ainda longe de nos orientar com segurança para resolver todos os problemas penitenciários, pode já ensinar-nos a não repetir certos êrros e a remediar alguns existentes.

Assim é manifesto que qualquer sistema prisional, mesmo quando não atinja o fim de readaptação dos delinqüentes — tantas vezes impossível de realizar para os adultos — deve ter como *programa mínimo: não os tornar piores*.

Por isso, é condenável *a vida em comum*, de elementos heterogéneos com graus diversos de *moralidade* ou melhor de *imoralidade*. Quere dizer, não devem misturar-se no mesmo ambiente prisional, delinqüentes primários e reincidentes endurecidos, normais e psicopatas, ocasionais e habituais, menores e maiores, elementos educáveis e os de difícil ou impossível reeducação.

Todo o sistema prisional deve, portanto, possuir um conjunto de estabelecimentos diversos, de tal modo que em cada um a população reclusa seja, tanto quanto possível, moralmente homogénea.

Por isso, além da diferenciação determinada pela diversidade de sexos, deve haver: prisões para a detenção preventiva e curtas penas, prisões-escolas para os presos maiores ou menores próximo da maioridade educáveis, prisões-asilos para psicopatas, prisões especiais para criminosos dificilmente educáveis (*reincidentes, graves habituais, profissionais* e por tendência), colónias agrícolas, casa de trabalho ou estabelecimentos mixtos para vadios, estabelecimentos ou secções autónomas para alcoólicos.

Para a restante massa da população condenada nada, é necessário ainda separar as prisões, pelo menos, em duas categorias, segundo a gravidade das penas

Dentro de cada uma delas é preciso ainda distinguir primários, de reincidentes e depois separar os reclusos em prisões ou secções distintas da mesma prisão, segundo o grau de readaptação que vão mostrando, a *vontade* e as *possibilidades* de melhoramento moral que se revelam.

Cada um dêstes estabelecimentos deveria ter uma organização própria, processos de acção diferentes e pessoal que saiba compreendê-los e utilizà-los.

Há no entanto princípios que podem dizer-se comuns, que se elevam acima das condições especiais de cada tipo de prisões.

Assim, o *isolamento nocturno* do recluso é uma exigência elementar em todos.

Entre nós, o sistema do *dormitório comum* na prisão tem levado a abusos que, às vezes, são verdadeiros *crimes* que nem mesmo contra *criminosos* se podem tolerar.

Vi no depósito de degradados de Loanda camaratas em que muitos presos dormiam quási empilhados nos intervalos das camas, alguns por baixo delas, e até nos vãos das portas, sendo preciso que arredassem as enxêrgas ou mantas, quando as tinham, para que pudessemos entrar.

Há cadeias no país onde existem três ordens de camas sobrepostas, tal é falta de espaço. Aí acamalam-se presos por tal forma que é corrente dizerem os guardas que há sempre lugar na prisão para os nossos presos, se êles puderem caber em pé...

Não invoquemos, porém, o uso *péssimo* de uma instituïção *má*.

A *vida nocturna* da prisão em comum, mesmo sem aquêles abusos, é sempre uma fonte de corrupção, de conluios criminosos, de vícios imundos

Respira-se na camarata um ambiente insalubre que, pcorando muitos, não melhora ninguém.

Por isso, dizia um criminalista, que as gerações futuras hão-de recordar com o mesmo *espanto* e *severidade* o nosso tempo em que *presos dormem em comum*, com que hoje nós recordamos aquele tempo em que doentes, sofrendo moléstias contagiosas, dormiam nos hospitais na mesma cama.

Os mais autorizados e experientes cultores da ciência penitenciária aconselham, por isso, o isolamento nocturno em tôdas as prisões.

A conclusão, portanto, é que *todos* os estabelecimentos presionais devem ser *celulares*.

BELEZA DOS SANTOS.

STANDARD
o automóvel que vos convem

Expediente

Vão ser enviados para a cobrança os recibos referentes ao pagamento da assinatura da segunda série do nosso jornal, que se iniciou com o n.º 11 e que terminará com o n.º 20.

Aos nossos estimados assinantes recomendamos os distribuidores do correio, para quem pedimos aquele bom acolhimento que já lhes dispensaram quando foi efectuada a cobrança relativa á primeira série.

E desde já lhes endereçamos os nossos melhores agradecimentos.

ROYAL

Pneu universalmente conhecido, fabricado pela Maior Productora de borracha do Mundo

Depositário em Coimbra:

Mario Novais

RUA DA SOFIA, 80

TELEFONE 943 -- COIMBRA

PAPEL DE FUMAR "CONQUISTADOR"

AVISO

AOS SRS. FUMADORES

Na fabricação da afamada marca do papel CONQUISTADOR só entra pasta de puro linho e segundo as regras da arte e da ciência, é o que não contém nem glicerina nem outras matérias nocivas à saúde.

V. Ex.ª aprecia o bom tabaco? deve também apreciar um bom papel. Não aconselhamos a experimentar, mas sim usar o incomparável CONQUISTADOR. Esta marca de papel corresponde às mais rigorosas exigências. O papel CONQUISTADOR actualmente é o que mais consumo tem. Marca Portuguesa, registo Universal.

Proprietário da marca: EDUARDO DE SOUSA

Rua da Madeira, 146-150 – PORTO

DIAMINERVA

Créme para a cara

Este créme é preparado com um bom conjunto de produtos antisépticos, curando ràpidamente as borbulhas ou outras doenças adquiridas pelos péssimos pós de arroz que se usam, ou ainda por OUTRAS DROGAS, que nas melhores, das boas intenções, se empregam muitas vezes na cara, deixando a epiderme quási arruinada.

Este créme é de ótimos resultados nas rugas, nas manchas da péle, nas comichões, nas queimaduras do sol no cieiro, etc.

A Diaminerva é considerada um dos melhores crémes por também não conter gorduras, ser solúvel na água, amaciando a péle, apertando os poros e deixando uma agradável sensação de frescura.

A Diaminerva aveludando a epiderme, serve de medicamento, dando-lhe o verdadeiro **alimento nutritivo.**

Em conclusão: A Diaminerva não só é um dos melhores crémes para a cara como serve de medicamento!

A Diaminerva que já é conhecida pelo créme bronzeado, os seus tons de côr variam, para dar a impressão ao consumidor que também varia de créme, mas note-se bem **a sua fórmula antiséptica è sempre a mesma.**

DIAMINERVA

À venda em todas as drogarias, farmácias, barbearias e bazares

As senhoras devem usar a Diaminerva que leva a etiqueta PERFUME. Os homens devem usar a Diaminerva que leva a etiqueta PARA A BARBA

Preço do Boião de porcelana, com Diaminerva perfume ou para a barba, **20$00**

Laboratório MINERVA - COIMBRA

O GOSTO DE CAMINHAR

Não sou cortezão do passado. O passado, passou; e o que nos interessa é viver no nosso tempo, pois não temos outro para viver.

Sou, a-pesar desta maneira de pensar, conservador das cousas velhas, rebuscador de antigüidades, pesquisador dos feitos e obras dos que nos precederam, poderosos ou humildes, dirigentes e dirigidos, pois da colaboração voluntária, ou forçada, de todos, derivou o capital cultural que usufruimos, e que cada centuria amplia.

Estudar a história, documental ou monumentalmente não obriga, a meu ver, à ocupação de um posto definido ante os problemas do mundo actual. Porque a mesma necessidade que faz desenvolver as ciências exactas, necessárias à vida, impele os homens à colheita dos elementos que interessam ao conhecimento da marcha das sociedades através os milénios. Com estranhesa vejo, por isso, enaltecer os séculos corridos em relação ao presente e, dentro do ambiente de cada geração, considerar melhores os tempos pretéritos.

Não sou dos que vos dizem que o tempo em que foram estudantes era o grande período da inteligência, das artes, do amor ou da boémia. Cada tempo é como é, com os seus valores, as suas manifestações artísticas, as suas paixões e a sua maneira de divertir-se. Para que estabelecer comparações se, embora a mocidade se perpetue nas camadas que se sobrepõem, a educação varia.

Há contudo cousas que, sem pécha de cortezanismo, podem ser exumadas dos tempos idos para exemplo dos que decorrem. Por exemplo: o gôsto de caminhar.

De modo que, no meu tempo de estudante... divertia-me muito, e a alguns camaradas mais, o que hoje, desportivamente se denomina, pedestrianismo. passeavamos muito, e para longe.

Hoje os estudantes de Coimbra saem pouco. Correm muitos, é certo, nos campos de foot-ball, e não lhes levo a mal que o façam, porque também pratiquei abundantemente êsse desporte, então em desregrada iniciação. Mas ignorava, a maioria dêles, o passeio higiénico e distractivo; desconhecem os prazeres da marcha regulada, não militarizada, realizada isoladamente ou por grupos, com um destino aliciante ou sem destino, para descobrir terras, pontos de vista, gentes novas.

A excursão colectiva é usualmente feita agora de camioneta. Faz percorrer ràpidamente largos espaços, grava na memória um mapa colorido das razões que se atravessam. Mas não deixa conhecer a terra.

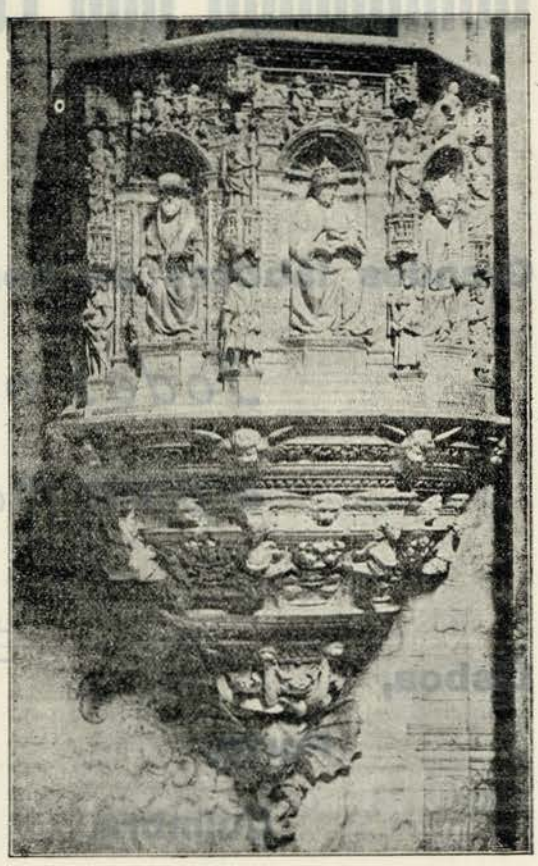
O estudante de Coimbra após cinco ou sete anos de permanência no coração de um dos mais agradáveis recantos de Portugal, vai-se embora sem tomar contacto com a região. ¡E que belos passeios lhe ofereciam, contudo, os arrabaldes e o «interland», em múltiplos aspectos de planura, colina e montanha, tudo tão acessível, a fracos quilómetros de distância!

Aos Domingos, nos feriados, nas tardes primaveris ou outonais, após as aulas, a digressão pedestre por chãs e lombas, ao longo das terras de altura ou pelos pinhais, respirando o ar repassado de perfumes silvestres, aparecia-me como o mais salutar correctivo de fadiga cerebral e até como manancial inexgotável de motivos literários.

¿Porque não aproveitam os estudantes de hoje êsse imenso campo de exercício físico que se lhes oferece sem restrições, para todos os pontos cardiais variado, saudável, atraente, e um pouco misterioso, do mistério das païsagens que se divisam em mancha, e nunca consultadas na vida que as criou e anima?

Virgílio Correia.

Púlpito de Santa Cruz



Jóia de Arte do Renascimento Coimbrão devido ao cinzel de João de Ruão

RUÍNAS

Amorosa vulgar, tudo esqueceste!
Pediste as cartas... Tôdas te mandei.
— Se nunca acreditei no que escreveste?
Nem sei dizer se nunca acreditei!

Se venceste (confesso que venceste!)
Posso esquecer... mas nunca esquecerei
Nem o sabor dos beijos que me deste,
Nem o sabor dos beijos que te dei!

O nosso amor foi uma orgia louca
Em que eu levei a taça do teu seio,
Nas minhas mãos em febre, à minha bôca...

E só ficou dêsse festim presago
Essa taça quebrada meio a meio,
Como uma fôlha morta sôbre um lago!

Poemas: O TEU LIVRO

Luis Carlos

Companhia das Fábricas

Ceramica Luzitania

Grandes fábricas de bons produtos cerâmicos de

Todos os generos

e para todos os usos

Lisboa,

Porto,

Coimbra,

Braga,

Setubal,

Faro,

Portimão, etc.

A cerâmica que honra o paiz

(as fábricas da Estação-Velha vendem os seus produtos por intermédio do comércio e directamente aos consumidores)

Rádio Corporation of America

Aparelhos de T. S. F. de 1935

R 118 — 5 lampadas, extra-curtas, curtas e médias. Esc. 1.900$00.
R 128 — 6 lampadas, tôdas as ondas. Esc. 2.600$00.
R 143 — 8 lampadas, tôdas as ondas. Esc. 3.700$00.
R 123 — 6 lampadas, modêlo de automóvel. Esc. 2.500$00.

Distribuidor no centro do País: — ABILIO LAGOAS
Rua Ferreira Borges 155-1.°
Tel. 931 **COIMBRA**

CASA MATTOS E SERPA PINTO

O grande estabelecimento de modas do Porto,
de onde se veste toda a senhora elegante

Rua Sá da Bandeira, 200 a 210 — PORTO

VOLVO

O CAMION a OLEOS PESADOS

Funciona como os de gazolina
por meio de magneto e velas

Faz uma despeza de Esc. 13$00 aos 100 quilometros

Material sueco de fama mundial : Demonstrações sem compromisso

Agencia em Coimbra e Distrito **Comercial Coimbra, L.da** R. da Sofia, 149 — Telef. 381

O Grupo de Honra da Associação Académica de Coimbra

A partir de cima e da esquerda: Portugal, Tibério, Veiga Pinto, Cristóvão, Izabelinha, Rui, Abreu, José Saraiva — director desportivo da Associação Académica — José Antunes, Mario, Camarate, Filipe dos Santos e Pascoal